

UM LUGAR PARA O LEITOR DE POESIA

Priscila Finger do Prado (UNIFRA)

*Eu nada entendo da questão social.
Eu faço parte dela, simplesmente...*
Mario Quintana

RESUMO: Este trabalho pretende considerar o lugar do leitor de poesia, diante das liberdades e opressões apresentadas por algumas correntes dos estudos literários. Seria o mesmo espaço reservado para o leitor de prosa? Haveria menos liberdade do leitor diante do texto poético, pela exigência de habilidades específicas? A fim de se buscar uma exemplificação para as reflexões pretendidas com este artigo, utilizar-se-á um poema de Mario Quintana, que será analisado, ao longo da discussão.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, poesia, liberdades e opressões.

ABSTRACT: With his study one intends to consider the place of the poetry's lector, between freedoms and tyrannies of some literature theories. There would be the same of the prose's lector? There would be less freedom to the poetry's lector, because of the need of specified abilities? In order to search an exemplification to these reflections, it will be used a poem by Quintana, that will be analyzed during the discussion.

KEY-WORDS: lecture, poetry, freedoms and oppressions.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A leitura, pode-se dizer, ainda é um enigma para os estudos literários, devido ao problemático emblema do leitor sobre a obra. Até onde vai sua liberdade de interpretação? Até onde o texto pode oprimir o leitor? Estas questões caracterizam, segundo Compagnon (2003), um dos paradoxos entre a literatura e o senso comum, a liberdade do leitor frente ao texto.

Escapando-se a radicalismos, segundo os quais ora o autor define autoritariamente o sentido do texto; ora somente o texto pode se definir por completo, como princípio e fim único da leitura; e ora o leitor ganha plenos poderes sobre o sentido da obra; pensa-se que os três lugares são sumariamente importantes para a leitura de um texto, mas cada qual em sua especificidade.

O autor empírico escreve uma obra segundo suas intenções e seu trabalho com a língua, o leitor lê a obra de um autor, do qual desconhece intenções ou manejos arquitetônicos. Resta o texto como resultado de um trabalho, mas já com certa independência, pronto para a interpretação de um leitor, do qual desconhece as vivências ou os modos de leitura. Resta o texto, órfão, cheio de si, não disposto a entregar sentidos que não possua.

Para se buscar, com este trabalho, uma idéia sobre a leitura, especificamente a leitura poética, tentou-se entremear a pesquisa à leitura do poema "Canção do amor imprevisto", de Mario Quintana, poeta gaúcho, destacado pela simplicidade e, ao mesmo tempo, pela profundidade que alcançam seus textos poéticos.

Este estudo envolve ainda personalidades da Teoria da Literatura, que buscam o estudo do leitor e da leitura literária, por diferentes métodos e perspectivas teóricas, as quais, no entanto, complementam-se pela especificidade do tema e do objeto literário.

O LUGAR DO LEITOR NA LITERATURA: O LEITOR-MODELO

Eu sou um homem fechado.
O mundo me tornou egoísta e mau.
E a minha poesia é um vício triste,
Desesperado e solitário
Que eu faço tudo por abafar.
(QUINTANA 1978)

Segundo Candido (2000: 74), a literatura tem uma relação essencial com a sociedade que a cerca, pois se caracteriza como um sistema vivo de obras, que somente se mantém vivo pela presença dos leitores que decifram, aceitam, e deformam as obras desse sistema. Para Candido, a configuração da realidade da literatura necessita de um processo de circulação literária composto por autor, leitor e obra, pois "se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é *mostrada* através da reação de terceiros" (2000: 75-76).

Apesar da necessidade do leitor perante o autor e sua obra, muitas vezes pode ocorrer de o autor desprezar seu público, sendo que, nesse caso, como afirma Candido (2000: 76), ele está "rejeitando determinado tipo de leitor insatisfatório, reservando-se para o leitor ideal em que a obra encontrará verdadeira ressonância". É interessante ressaltar que o teórico se apropria da terminologia de von Wiese, para definir o público da literatura não como um grupo social, mas como uma "massa abstrata" e heterogênea, dentro da qual:

podem diferenciar-se agrupamentos menores, mais coesos, às vezes com tendência a organizar-se, como são os grupos de leitores e amadores entre os quais se recrutam quase sempre as *elites*, que pesarão mais diretamente na orientação do autor. (2000: 76)

Resta informar que, para Candido (2000: 80), a formação da Literatura Brasileira, enquanto processo de circulação literária, tem seu início com o Romantismo: "de tudo se conclui que no primeiro quartel do século XIX esboçaram-se no Brasil condições para definir tanto o público quanto o papel social do escritor em conexão estreita com o nacionalismo" (2000: 80).

Na perspectiva desse estudioso, então, é importante pensar no leitor, e, portanto, no processo de leitura, somente enquanto parte de um processo de circulação da literatura, de modo que o autor dirige sua obra a um determinado leitor ideal, rejeitando àqueles que possam deturpá-la com uma leitura inadequada. Dessa forma, embora Candido opte por incluir o leitor nesse processo, o autor continua tendo um maior peso diante da significação da obra.

Esta abordagem é vista, por Eco (2004), por um outro prisma, quando afirma que o leitor tem um lugar na *fabula* que precisa ser esclarecido e estudado. O autor defende que um texto

é incompleto, necessitando de um destinatário que o atualize, já que “toda mensagem postula uma competência gramatical da parte do destinatário” (2004: 35).

O texto é incompleto, porque existem espaços brancos deixados para o leitor como uma forma de previsão do autor, que direciona seu texto de tal modo que seja necessária a colaboração de um destinatário, mas que, no entanto, o espaço dessa colaboração se mantenha constante, não motivando interpretações contrastantes entre si, de maneira que “ele tentará com sagaz estratégia: que, por maior que seja o número de interpretações possíveis, uma ecoe a outra, de modo que não se excluam, mas antes, se reforcem mutuamente” (2004: 42).

Nesse ponto, Eco compara o autor a um estrategista de guerra, que pretende, entretanto, a vitória de seu adversário (o leitor), tendo em vista que “o bravo estrategista deve levar em consideração também estes eventos casuais, com um cálculo probabilístico próprio” (2004: 39).

Eco ainda faz uma importante distinção em seu texto, ao tratar da diferença entre uso e interpretação. Uma obra permite muitos e variados usos, podendo-se citar inclusive o uso psicanalítico de textos literários. Quanto ao uso, assevera que se pode ler *O processo* de Kafka, por exemplo, como uma história policial: “Legalmente é permitido, mas textualmente produz um resultado infelicíssimo” (2004: 44). Contrariamente, “a noção de interpretação sempre envolve uma dialética entre estratégia do autor e resposta do Leitor-Modelo” (2004: 43), de forma que a interpretação está sempre voltada para o texto e uma leitura que o atualize sem deturpá-lo.

Por tudo isso, deve-se reiterar que Eco apresenta o Autor e o Leitor-Modelo como “tipos de estratégia textual” (2004: 45), que, ao lado do autor e leitor empíricos, completam a rede processual de feitura e interpretação do texto:

de um lado, conforme dissemos até aqui, o autor empírico enquanto sujeito da enunciação textual, formula uma hipótese de Leitor-Modelo e, ao traduzi-la em termos da própria estratégia, configura a si mesmo autor na qualidade de sujeito do enunciado, em termos igualmente “estratégicos”, como modo de operação textual. Mas, de outro lado, também o leitor empírico, como sujeito concreto dos atos de cooperação, deve configurar para si uma hipótese de Autor, deduzindo-a justamente dos dados de estratégia textual (2004: 45).

Não se pode esquecer, porém, que a cooperação textual do leitor perante a obra não se faz em termos de atualizar as intenções do autor enquanto sujeito da enunciação, “mas as intenções virtualmente contidas no enunciado” (2004: 46).

Diante das formulações teóricas expostas até o momento, neste trabalho, resta questionar o lugar da leitura da poesia nesse meio. Como prever o leitor da poesia? “E a minha poesia é um vício triste, / Desesperado e solitário / Que eu faço tudo por abafar” (QUINTANA 1978). Abafa-se a poesia diante da maldade do mundo, abafa-se o leitor diante da “maldade” do texto, que o tiraniza. Procurar-se-á, no decorrer deste trabalho, o espaço de leitura da poesia, pensando os limites entre a opressão e a liberdade do leitor perante o texto poético.

LER LEVANTANDO A CABEÇA - A LEITURA SEGUNDO BARTHES

“Eu sou um homem fechado”, diz o sujeito lírico de Quintana; “eu também”, pode pensar o leitor lírico de Quintana, e seguir a leitura do poema. “Ler levantando a cabeça” é a expressão formulada por Barthes (2004), para caracterizar a lógica da leitura. Porque há uma lógica na leitura, para Barthes, e essa seria diversa da lógica da Retórica, que é dedutiva. Uma lógica do

símbolo, e, por isso, uma lógica associativa, rege a leitura, a qual "associa ao texto material (a cada uma de suas frases) *outras* idéias, *outras* imagens, *outras* significações" (2004).

E as associações instigadas pela leitura também não se fariam aleatoriamente, ao bel-prazer do momento, pois, para Barthes (2004), "as associações geradas pela letra do texto [...] sempre são tomadas (extraídas e inseridas) dentro de certos códigos, certas línguas, certas listas de estereótipos". Ler seria, então, um jogo, cujas regras provêm de "uma lógica milenar da narrativa, de uma forma simbólica que nos constitui antes de nosso nascimento, em suma, desse imenso espaço cultural de que a pessoa (de autor, de leitor) não é mais do que uma passagem" (BARTHES 2004).

O mistério de ler estaria ancorado no plano simbólico de uma cultura, ou ainda, imerso na "comunidade interpretativa" de Fish, apontada por Compagnon, em sua obra *O demônio da teoria* (2003). Dessa forma, a leitura, por mais subjetiva que pareça ser, cabe dentro de um horizonte interpretativo, que parte do texto, estendendo-se pelas possibilidades do dizer de uma comunidade leitora.

Sabe-se que não se analisa uma leitura da mesma forma que se analisa um texto, mas, não seria já a análise uma leitura? O que tanto sealaria de um poema de Quintana, se ele tivesse, em si, uma só leitura, certa e provável? Essas questões implicam na interrogação de Compagnon (2003: 153), sobre a possibilidade de a leitura empírica ser um objeto teórico. Sendo que não há resposta afirmativa que preencha um nível mínimo de satisfação entre os teóricos da literatura. Busca-se um lugar para o leitor no estudo literário, mas o máximo que se encontra é um lugar ideal. À literatura, que é feita de leitores, não cabe pensá-los, senão como virtualidade.

Nas palavras de Barthes (2004), é inexistente à leitura, inclusive, uma *pertinência* sob a qual seria possível analisá-la, já que, para o autor, "a *im-pertinência* é de certo modo congênita à leitura", porque esta estaria penetrada de desejo:

Mas tu apareceste com a tua boca fresca de madrugada,
Com o teu passo leve,
Com esses teus cabelos...
(QUINTANA 1978)

Sim, "Eu sou um homem fechado", "Mas tu apareceste [...]". Assim, a leitura toma o desejo do leitor, constituindo o "erotismo da literatura", que Barthes (2004) apresenta. O desejo estaria no objeto literário, que sugere o leitor como uma personagem de si. E, segundo o autor, o paradoxo do leitor consistiria exatamente no fato de este ser chamado, pelo texto, para decodificá-lo (letras, palavras, sentidos e estruturas), e acabar por *sobrecodificá-lo*, de forma que o sujeito-leitor "não decifra, produz, amontoa linguagem, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia" (2004).

LER A POESIA: EM BUSCA DE UM LEITOR-LÍRICO

E o homem taciturno ficou imóvel, sem compreender nada,
[numa alegria atônita...
A súbita, a dolorosa alegria de um espantinho inútil
Aonde viessem pousar os passarinhos!
(QUINTANA 1978)

Parece que tudo o que se pensou até agora com este artigo visa, principalmente, a um trabalho de leitura da prosa. Falar de poesia exige outro código, outras preocupações, além da mensagem que um autor arquiteta em seu texto, ao esboçar seu Leitor-Modelo, ou mesmo, ao pensar em sua comunidade de leitores como “massa abstrata”.

No entanto, pode-se utilizar da noção de Barthes, sobre a leitura, apresentada anteriormente, como lógica associativa. E, para a leitura de um poema, nada mais frutífero do que pensar no *erotismo* da literatura, no encantamento das palavras no leitor, seja o leitor empírico, seja o espaço que lhe reserva o poema na língua, a possível categoria de “Leitor-Poético”. Dessa forma, feita de sujeitos poéticos, autor e leitor, a poesia encerraria seu encanto de palavra poética.

É importante destacar, no entanto, que apontar um lugar virtual para o leitor de poesia pouco resolve a problemática de sua leitura; nem tampouco resolve chamar a essa leitura de associativa. Para a leitura da poesia são necessárias muitas leituras, que ora ocorrem simultâneas, e ora se demoram em sua mostra.

A primeira delas, segundo Trevisan (2000), remete ao som e às sensações de cores que advêm das palavras; a segunda aponta para o ritmo extraído de seus versos; e a terceira, para as imagens, carregadas de sentidos, que se oferecem à interpretação do leitor:

o nó do problema, aliás, está aí: os sons não aparecem sós, mas estão sempre integradas em signos de um discurso cujos mecanismos de associação, para cada sujeito ou grupo, não se podem estabelecer a priori (2000: 24).

Ao tratar da problemática dessa duplicidade do signo poético, que significa tanto por sua forma (e, às vezes, somente com ela), quanto por seu conteúdo semântico, propriamente dito, Trevisan (2000:40) destaca também as palavras do lingüista brasileiro Mattoso Câmara Jr., em fragmento de sua *Contribuição à Estilística Portuguesa* (1977), segundo as quais:

na poesia lírica as palavras a rigor nunca valem apenas pelo seu significado representativo; em todas, ou quase todas, emerge o elemento sensorial acústico, e não raro a comunicação lingüística repousa praticamente nele. Nem sempre – é verdade – há uma motivação sonora propriamente dita, mas sempre há, pelo menos, um conteúdo estético determinado pelos sons constitutivos do vocábulo. (2000: 40)

Também é importante ressaltar, sobre a leitura poética, a questão da pertinência de uma leitura em voz alta ou da indiferença de se ler poemas à maneira silenciosa. Para Trevisan (2000: 46), o pioneirismo da leitura em voz alta, e o da fala sobre a escrita, garante uma maior autorização da primeira. “O certo é que, até o século XIII, nenhuma poesia era desacompanhada de melodia”, reitera o autor (2000: 47), de forma que, na possibilidade de tradução de um poema, o único elemento que não alcança traductibilidade é o som, razão pela qual o apresentaria como distintivo da poesia.

“E o homem taciturno ficou imóvel, sem compreender nada, / numa alegria atônita...” (QUINTANA 1978): caberia pensar a significação desses versos de Quintana. O poema “Canção do amor imprevisto” apresenta um homem fechado, resultado da equação de um mundo mau e egoísta, e que tem a poesia como vício confortante, mas tímido. Este homem, em determinado momento, é desarmado de sua sisudez por alguém, expondo-se ao ridículo próprio dos apaixonados. Contudo, a paráfrase desse poema só é enriquecida na medida em que se complementa a esta uma leitura mais formal do texto.

Com o que se pode pensar que a leitura poética é uma leitura dupla, que pode ser lida somente em um primeiro nível, sem que, no entanto, prejudique aquilo que Barthes (1974) denomina o prazer do texto; mas que, se realizada em sua duplicidade, alcança, com esta segunda leitura, o prazer intrínseco das palavras, denominado pelo teórico como a fruição do texto.

Assim, “a súbita, a dolorosa alegria de um espantinho inútil / Aonde viessem pousar os passarinhos!” invade o leitor que percebe a confusão causada pelo amor imprevisto ao sujeito lírico, visto que também a vive como leitor lírico, sem ser retirada ainda a possibilidade de identificação entre esse leitor lírico - lugar do texto - e o leitor empírico, dono, no momento da leitura, do lugar de personagem do texto.

Porém, ao assumir o papel desse leitor lírico, o leitor empírico deve estar disposto a desfrutar da segunda leitura, mais atenta, caminho da fruição do texto. Através da qual atenta para a sonoridade das palavras, para a opção por certas palavras em detrimento de outras, para a definição de uma disposição específica do texto e de sua pontuação, em meio a um conjunto de possíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura poética precisa de uma iniciação por parte do leitor, como o próprio nome da obra de Trevisan (2000) aponta: *A poesia: uma iniciação à leitura poética*. Essa iniciação proporcionará a segunda leitura de um poema, mais atenta a detalhes sonoros e formais, própria das análises literárias, dos estudantes e professores de Literatura, mas também dos amantes da “magia” poética, em geral.

Contudo, não se pode falar em leitura correta em se tratando tanto de poemas, como de prosa. Tem-se o texto, lê-se *levantando a cabeça* para fazer relações, relações entre o escrito e o já lido, e o já vivido. E são essas relações que perpetuam certa liberdade ao leitor, já que a sua opressão corresponde ao que o texto traz, ponto de partida necessário.

As leituras trazidas para este trabalho, com o intuito de especificar aspectos sobre o enigma da leitura, servem para detalhar onde começa e onde termina a liberdade na leitura de um texto e, especificamente, de um texto poético. Como o representante do demoníaco da teoria, Compagnon (2003) aponta a provável impossibilidade de analisar a interpretação de um leitor empírico, sendo que este nunca foi o objetivo da Literatura enquanto estudo. Porém se pode pensar no leitor como uma figura que lê *levantando a cabeça*, mas que também tem um lugar no espaço do texto, através do qual pode sentir as palavras, preencher lacunas, pode até mesmo se identificar como personagem, contanto que não esqueça que seu ponto de partida é o texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *Da leitura*. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *Escrever a leitura*. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70, LDA, 1974.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- COMPAGNON, Antoine. *O leitor*. In: *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2003.

ECO, Umberto. *O leitor-Modelo*. In: *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

QUINTANA, Mario. *Prosa & verso*. Porto Alegre: Globo, 1978.

TREVISAN, Armindo. *A poesia: uma iniciação à leitura poética*. Porto Alegre: Uniprom, 2000.